

## TORNAR-SE O QUE SE É —

### O FOLHETIM E OS ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO (1982–89)<sup>1</sup>

*Marco Antonio Maschio Cardozo Chaga*<sup>2</sup>

*Os maus ensaios não são menos conformistas do que as más dissertações.* (Adorno)

*Sou expulso de todas as terras pátrias e mátrias.* (Nietzsche)

Neste momento, gostaria de enfatizar as relações de proximidade entre esse suplemento e a forma que o sustenta, o ensaio. Se a terceira fase do *Folhetim* (a partir de 1982) marca o surgimento do ensaísmo, ela também esconde um modelo que se exauriu: os debates sobre as questões nacionais haviam encerrado seu ciclo. Enquanto isso, a transição política caminhava lentamente ao lado do caos inflacionário de uma economia extremamente debilitada. O consenso das necessidades de mudanças no perfil econômico, político, energético e, principalmente, social não encontrava nenhum tipo de resposta do Governo Federal: o compasso de espera das respostas decisivas era irredutível e surdo. Os jornalistas especializados em questões políticas e econômicas foram abandonando o espaço suplementar, migrando rumo às páginas centrais do jornal.

A partir deste momento, o *Folhetim* passou a apresentar textos mais complexos, destinados à discussão de temas acadêmicos e, ao que parece, de forma aleatória: o primeiro tema a ganhar espaço foi a psicanálise. Na verdade, coube à psicanálise realizar a passagem de uma época que deixava as questões políticas de lado (ao menos no suplemento) e criava condições de fornecer aos seus leitores, a partir de 1982, um conjunto de textos voltados às discussões acadêmicas. Dessa forma, as discussões literárias, políticas, filosóficas e psicanalíticas emergiram, nessa ordem. Hoje, retrospectivamente, a passagem do enfoque político em direção aos estudos literários realizada pela psicanálise parece plena de sentido, como se fosse necessário psicanalisar o país, depois do período de repressão, das permanentes crises políticas e econômicas, e da ausência de diálogo entre dirigentes e sociedade civil<sup>3</sup>.

---

1 Este texto faz parte do Projeto de Tese *Arquivo suplementar — O Folhetim da Folha de S. Paulo*.

2 Doutorando em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina — CNPq.

3 A idéia de desenvolver um projeto de amparo à educação revela tanto o descaso do governo em relação à definição de uma política educacional, quanto, por outro lado, demonstra que por trás do

Todavia, neste momento, acredito que seja de grande validade tecer algumas considerações sobre o papel do ensaísmo na América Latina. A partir do final do século XIX, o ensaio de interpretação nacional se tornou uma espécie de febre revolucionária entre os sul-americanos. Se no velho continente europeu o imperativo do bárbaro benjaminiano (instaurar-se a partir de si) não rompeu de imediato a tradição secular da universalidade, na América Latina essa prática já vinha sendo trabalhada. O ensaio se transformou na principal arma nas mãos dos bárbaros; com ela os intelectuais comprometidos em criticar os modelos de interpretação importados puderam pensar em parcialidades e em composições metodológicas impensáveis se os rigores acadêmicos europeus não fossem esquecidos.

Os ensaios de interpretação nacional estabelecem, metodologicamente, uma clivagem de seus objetos de análise. Esta clivagem instala uma linha transversal entre o eixo da hierarquia vertical (pedra de toque do tratado erudito) e o plano horizontal (o imaginário popular). A transversalidade não pretende mesclar os dois planos e torná-los uno; ela opera um processo de hibridização no qual se reconhece o popular no erudito e vice-versa.

Os arquivos utilizados como fonte de reserva de onde saíam as principais questões (sobre a identidade e a nacionalidade, por exemplo) se encontravam desorganizados e, ao contrário do que se poderia supor, estes arquivos não foram reorganizados a partir da lógica eurocêntrica. Ao invés desta escolha (que seria, em última instância, uma opção pela explicação da totalidade), o ensaio entrou em cena visando somar um número específico de fichas, reordenando-as, a cada recomeço, com a função de revelar apenas em parte o mosaico perdido, que jamais havia sido completado.

Numa passagem citada por Sêneca, Demétrius utilizou a metáfora bastante corrente do atleta: devemos nos exercitar como faz um atleta; este não aprende todos os movimentos possíveis, não tenta fazer a proezas inúteis; prepara-se para alguns movimentos necessários à luta para triunfar sobre seus adversários. Do mesmo modo, não temos de realizar façanhas sobre nós mesmos (a ascese filosófica desconfia bastante dos personagens que faziam valer as maravilhas de suas abstinências, de seus jejuns, de sua pré-ciência do futuro). Como um bom lutador, devemos aprender exclusivamente aquilo que nos permitirá resistir aos acontecimentos que se podem produzir; devemos aprender a não nos deixar perturbar por eles, a não nos deixar levar por emoções que eles poderiam suscitar em nós. Ora, de que precisamos para poder manter nosso domínio diante dos acontecimentos que podem se

---

desmantelamento do ensino público havia interesse “público” na proliferação de estabelecimentos de ensino privados.

produzir? Precisamos de “discurso”: de *logoi*, entendidos como discursos verdadeiros e discursos racionais. 4

Hoje, a análise do *Folhetim* que me proponho realizar traduz a preocupação de Demétrius. Racionalizar sobre uma formação discursiva que gerou paixão em seus leitores. Gerou sentimentos, que por muitas vezes, impediram, esses mesmos leitores, de produzirem mais discursos. Produzir mais discursos diante da *década perdida* ou dos anos da transição poderia servir para se retomar o domínio crítico *perdido* anteriormente. O exercício de leitura do *Folhetim* recupera em parte a necessidade que seus leitores tiveram em retomar o controle da situação. A ação semanal de leitura do *Folhetim* pode revelar dias memoráveis nos quais se abria o suplemento em busca de uma surpresa, mas a ação também esconde a angústia de um gerúndio (retomando o controle) interminável.

Lidar de maneira não convencional com a avalanche de textos produzidos ao longo de doze anos, depois de mais de seiscentos e cinquenta números e mais de seis mil páginas, exige um estudo que não obedece apenas a um tipo específico de orientação teórica. Desnorreia a quantidade de possibilidades e a necessidade de escolha diante de agrupamentos imaginários de textos, que seus anônimos leitores foram recortando aos poucos, mas poucas vezes lhe tiraram da condição monstruosa de um amontoado de recortes. Hoje, pretendo é racionalizar sobre a própria racionalidade que produziu este amontoado de fragmentos desconexos, que pouco nos diz a respeito de uma verdade da década de oitenta ou sobre o próprio exercício de racionalizar através de destroços. Do ponto de vista de seus desdobramentos, esta história se apresenta como uma formação, incompleta mais uma vez, de um ideário irrealizável. Talvez fosse o caso de se pensar em um emaranhado discursivo formado por textos sem autores, como propusera Jorge Luis Borges certa ocasião, mas obteríamos a mesma resposta que o escritor argentino, percebendo a inviabilidade da proposta diante da consagração de nomes que está em jogo.

Ao longo de uma conturbada história, o ensaio parece ter sofrido vários movimentos de retomadas. Ao lado do tratado, que possui como crédito uma tradição cristalizada, com seu método evolucionista, seus sistemas objetivos, seu valor de verdade, de universalidade científica e de lógica total, o ensaio parece uma expressão mais apolínea, tendo sempre existido à sombra do outro astro de volume e brilho mais

---

4 Michel Foucault. *Resumos dos cursos do Collège de France*. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 126-7.

intenso. Até mesmo o lugar em que o ensaio retomaria com mais força espelha e reforça o seu caráter paradoxal de surgir em momentos de crises agudas. Os sofistas utilizaram várias de suas características com a finalidade de confundir seus adversários, desqualificando-os. Este uso foi o suficiente para, mais tarde, Santo Agostinho e Santo Tomas de Aquino classificarem o ensaio como demoníaco, porque excessivamente demolidor, principalmente quando utilizado com habilidade e relativismo: assim, o ensaio poderia se transformar em uma arma nas mãos de algum hábil especulador. A centúria de Agostinho e de Aquino se repetiria: primeiro com Montaigne e, depois, com Nietzsche, antes de ser, definitivamente, deslocado para uma área geográfica gigantesca, mas de pouca importância estratégica. Na América Latina a *tradição* dos ensaístas (uma tradição oblíqua, é verdade) encontraria um cenário idílico e tranqüilo para o seu florescimento.

À medida que desenvolvem e amadurecem, os conceitos começam a se mover por conta própria e, às vezes, alcançam territórios bastante distantes de seu local de origem [caso seja possível localizá-la]. Eles vagueiam pelo passado, que os ignorava na época em que era ainda presente. Ou fazem uma incursão ao futuro (...). Dá a impressão de que os conceitos nasceram como plantas, firmemente enraizados no solo e sorvendo suas seivas — mas, à medida que o tempo passou, desenvolveram pernas principiaram a busca de alimento mais farto e variado. 5

Através de desvios singulares, esta estranha e oblíqua narrativa percorrida pelo conceito de ensaio em busca de alimento e outras seivas lançou-se ao território desconhecido da América Latina. Aqui, ele criaria raízes e se desenvolveria com espantosa rapidez, talvez porque estivesse longe dos olhares centralizadores dos europeus *autênticos*. Aqui, o arrivismo retemperaria a possibilidade de respostas sobre a questão da identidade a partir de sua prática. Neste caso, ensaio significa uma explicitação dos problemas frutificados depois de um processo de colonização ímpar: teoricamente, o ensaio joga com os valores mais caros à tradição ocidental, ele expressa

---

5 Zygmunt Bauman. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 160. Bauman conseguiu re-armar a cena da pós-modernidade nos mostrando que o antigo segundo mundo, definido assim pela geografia vitoriosa, no qual estava inserido a Polônia, não diferia substancialmente da exclusão a que o terceiro mundo continua relegado. O segundo mundo não estava mais perto do primeiro, mas era um inimigo que, com o fim da Guerra Fria, se transformava aos poucos em mais um outro, nada distante nem muito diferente do *outro* sul-americano. A transformação de um inimigo em mais um *outro* potencializou a quantidade e a funcionalidade dos *alter-egos*; assim, em uma das faces mais sombrias da pós-modernidade criou-se a necessidade de multiplicação dos depósitos de dejetos no qual se transformou o outro. O *outro*, portanto, não é amigo e não é inimigo, é uma exterioridade que deve arcar, no melhor dos casos, com o ônus e os excessos de um mercado desregulado por princípio.

um pensamento incompleto, relativizado, disforme e sem raízes seguras no cânone analítico europeu, enfim, o ensaio deforma a realidade.

O fim da crença nos manuais provocaria a disseminação de mais uma crise, desta vez ligada à queda dos paradigmas e das referências plenas, conseqüentemente, o caos passa a reinar e ninguém sabe ao certo em quem ou no que se deve acreditar: “(...) a corporação acadêmica só tolera como filosofia aquilo que se reveste com a dignidade do universal, do pensamento, e, porventura, com a dignidade do ‘originário’”. 6

Montaigne e Nietzsche lançaram mão do ensaio para darem conta, cada um a seu modo, da emergência da modernidade e das sucessivas inovações tecnológicas que transformavam cenas cotidianas simples em extremidades tão antagônicas que, potencializando suas metáforas, subvertiam os paradoxos em ficções. Embora de maneiras distintas, os *Ensaio*s e o *Zaratustra* exprimem toda uma simbologia que incluía as periferias. Em suas épocas, a inclusão do oriente no horizonte das preocupações serve como fio condutor para se demonstrar a caducidade dos valores universais, que os valores da modernidade impunham. Hoje Montaigne pode ser chamado de filósofo, mas este título, outrora mais *glamouroso*, foi-lhe negado em sua época. Seus escritos desafiavam a unicidade e a homogeneidade da filosofia medieval e, mais tarde, o advento do iluminismo não renovaria as esperanças da forma ensaio, nem tampouco reconsideraria a posição do pensamento de Montaigne dentro da lógica das Luzes; pelo contrário, seu pensamento seria condenado ao esquecimento (do mesmo modo que o triunfo do pensamento sistemático e legislativo dos filósofos positivistas do século XIX e XX, resultante de uma variante do iluminismo, condenaria também Nietzsche).

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se vê, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (...)

O “ensaio” — que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação — é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, “ascese”, um exercício de si, no pensamento. 7

---

6 Theodor W. Adorno. “O ensaio como forma” In: *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ed. Ática, 1986, p. 167.

7 Michel Foucault. *História da sexualidade II — O uso dos prazeres*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 8ª ed., 1998, p. 13.

O ensaio se inscreve em uma lógica, ou melhor, em uma experiência que se formula no interior de uma prática que visa ao “cuidar de si”, e, a partir deste princípio, o ensaio permite o dilaceramento do sujeito extrapolando a fronteira desse *cuidar-se* através da permissão de “separar-se de si”. Estruturado na permissividade e nas “técnicas de si”, a experiência do ensaio estaria marcada por uma prática transformadora.

Somente posso descobrir minha não-verdade sozinho. Chamaremos este descobrimento — e haverá que se mostrar a necessidade de um nome — de ensaio. Por ensaio, pela solidão que o ensaio me impõe (uma solidão extremamente distante e distinta da introspeção e o recolhimento), descubro que minha verdade é uma não-verdade, descubro nada, a não-verdade que sou. 8

O ensaio trabalha a partir do reconhecimento do vazio e do desvelamento de que o sujeito não pode mais ser uno. Assim, o ensaio aproxima-se de uma formulação de texto que é *pensativo*, comportando uma reserva suplementar de significado que não é expressa completamente. As técnicas que envolvem a concepção do ensaio comprometem qualquer tentativa de buscar-se nele a plenitude, pois ele prorroga o encerramento da leitura e suspende a expectativa de um desfecho único.

O procedimento básico do ensaio, portanto, não é o da explicação ou da justificativa, mas o da explicitação, ou seja, a explicação impõe um sentido e uma busca das causas dos acontecimentos; a explicitação, ao contrário, promove o repouso do sentido e a suspensão do controle<sup>9</sup>. Este momento da análise cultural pode ser entendido como sendo construído do mesmo material que a apatia verificada nas personagens kafkianas. Apatia que rompe a dualidade porque ela é causada pela visualização de mais de duas saídas. Entretanto, o ensaio, quando bem operado, é uma opção de análise que revela a face trilemática do arquivo (ser e não ser ao mesmo tempo).

Examinando o percurso do *Facundo* de Sarmiento, Luz Rodríguez destaca que

---

8 Sergio Cueto. “Fragmentos sobre la entonacion ensayistica” p. 17, minha tradução.

9 Para Eric Alliez, “explicar não é explicitar a interioridade de nosso mundo pelas causas finais (Aristóteles, Leibniz), é reproduzir a exterioridade do mundo real por leis cujo arbítrio provoca a alienação do homem e a estranheza do mundo: é reconstruí-lo por experiências que acabam por desfigurar a ciência humana testemunhando sua invencível separação em relação às condições da criação divina”. “Introdução à filosofia (II): arqueológicas da ficção (entre Aristóteles e Descartes)”. (In: Revista *34 Letras*, nº 5/6, 1989, p. 128.) Portanto, a carga racional da explicação evidencia a contraposição com a experiência irracional (ficcional) da explicitação que, via Borges, parece nutrir a vertente ensaística. Deste modo, Alliez parece indicar para onde a crença na explicação (matéria básica da positividade do tratado) nos levou, através da verdade científica.

os pensadores latino-americanos tiveram que desenvolver estratégias de sobrevivência intelectual que lhes permitissem manter-se sobre o fio da navalha sem cair em nenhum dos abismos da oposição binária. Tiveram que aceitar o axioma excludente da modernidade — afirmação ou negação, ser o mesmo e o outro —, contudo sabotaram-na com as técnicas do ensaio: uma maneira de raciocinar e de pensar que expõe as idéias em forma de opiniões pessoais e provisórias. Este gênero foi considerado menor na Europa desde o século XVIII precisamente porque não era possível classificá-lo. Não era considerado literário porque nele prevalecia a exposição de idéias mais do que a imaginação; tampouco era aceito como prosa científica por duas razões: sua predileção manifesta pelos assuntos, sujeitos à controvérsia, que não admitem juízos definitivos e inequívocos, e a utilização de anedotas ficcionais ou pouco verificáveis para confirmar ou apontar as idéias expostas”.<sup>10</sup>

Desta perspectiva, o ensaio abandona a homogeneidade dos sistemas completos e parte em direção ao que Foucault chama de regularidade do arquivo. A regularidade ou as camadas do arquivo caracterizam uma formação discursiva, mas, como lembra John Rajchman<sup>11</sup>, as regularidades são tácitas e não refletem compromissos explícitos, pois não podem ser defendidas por ninguém como se formassem um todo consistente. Portanto, a busca pela heterogeneidade dos fragmentos que podem reorganizar o caleidoscópio (que exprime momentaneamente o movimento do arquivo) se dá através de um movimento transversal da leitura elaborada a partir de regularidades discursivas nas quais a verdade e a racionalidade dos discursos podem ser abandonadas em favor da proximidade à fronteira do ficcional. Não existiria, então, nenhuma impropriedade em ler os ensaios de interpretação nacional como fábulas de integração latino-americanas.

Em síntese, o termo ensaio serve para designar toda e qualquer forma tolerante ao relativismo<sup>12</sup> histórico. Neste sentido, a tradição moderna e ocidental também condenaria ao silêncio os escritos dotados de mudanças abruptas de perspectivas teóricas ou pouco comprometidos com os ideais de respeito a tradição linear e convencional do tratado. Portanto, a exposição parcial e a discussão rápida de questões importantes, com resultado de ação tópica, expõem, ao mesmo tempo, uma contradição. Se o discurso da modernidade do início do século deveria apresentar-se como portador da objetividade científica, equacionando as grandes questões sociais através de

---

<sup>10</sup>Luz Rodríguez. *El sueño de la razón*. Leiden: Rijks Universiteit, 1998, p. 20-1, minha tradução.

<sup>11</sup> John Rajchman. *Foucault: a liberdade da filosofia*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987, p. 42.

<sup>12</sup> Quando faço a referência ao relativismo, não tenho em mente o uso do termo relacionado ao sistema de cotas raciais ou por gênero norte-americano. Penso, principalmente, na possibilidade do conceito de relativismo me permitir pensar em uma construção literária tolerante aos desvios metodológicos que o ensaio operou e opera através do periodismo.

volumosos manuais, aos jornais caberia retratar o fugaz cotidiano dos interiores burgueses e seus novos objetos industrializados.

O processo de construção da identidade latino-americana esbarrou na utilização de modelos europeus impróprios para a resolução de problemas que não eram europeus, ao mesmo tempo a solução latino-americana em responder as exigências de elaboração de um sujeito constituído socialmente apenas poderia ser parcial e extra racional: a construção da identidade somente será elaborada por referências erráticas e desorientadas, porque sempre estiveram associadas às elaborações heterodoxas de Sarmiento a Sérgio Buarque, de Euclides da Cunha a Borges. As formulações ensaísticas visavam interpretar as formações das nacionalidades e das identidades. Essas formações discursivas, ou antes, essa formação de língua espanhola ou portuguesa (porque se nós lhe analisarmos os últimos elementos e os mais salientes caracteres é quase certo que as acharemos uma só), desfruta dos mesmos defeitos e falhas, sendo uma expressão da sociedade em que nasceu: heterogênea, acaso mesmo amorfa, inconsistente e, por muito, incoerente. Esses ensaios podem ser intercambiáveis, ou seja, eles servem para problematizar e ler a situação cultural, econômica e política de nações diferentes, desde que sejam também periféricas. Antes da percepção generalizada de que a nossa época se convertera em um movimento de expressão de leituras que marcam o retorno das bordas em direção ao centro, anterior, portanto, à percepção que nortearia a leitura descentralizada da literatura borgiana por Foucault, vale lembrar a localização central deste retorno (do pós colonialismo) como uma espécie de desdobramento de uma das questões centrais da antropofagia. Mário de Andrade já havia notado a possibilidade de efetivar uma leitura da ficção de Borges como um engenho dotado de capacidade ampliada, pois nesta ficção se localizaria também a elaboração de uma teoria literária sofisticada e carregada de crítica, e de análise, dos fenômenos mais preeminentes do período. Como escreve Sérgio Cueto, para Borges

O ensaio não é um gênero. O conto Waklefield, disse Borges, é um ensaio: ensaiava a interpretação de um enigma, para entendê-lo imagina-o, conta-o, conjectura uma resposta que permanece conjectural, abre a outras interrogações, é a mesma interrogação que não se fecha (e que atrai Borges ao centro de sua ferida). 13

---

13 Sergio Cueto. “Fragmentos sobre la entonacion ensayistica” Op. cit., p. 18, minha tradução.

Borges potencializa aos extremos a fração ficcional do ensaio e, com esse movimento, descaracteriza as várias afluências que atribuem ao ensaio o reconhecimento de uma historiografia determinada a interpretar a identidade, a nacionalidade e a periferia.

Os ensaios de interpretação nacional produzidos fora do alcance da racionalidade e fora dos padrões de textos que deveriam dar conta de uma totalidade homogênea, podem ser lidos como um conjunto disforme de afluências que habitam, de uma vez por todas, a ficção localizada na confluência entre a fábula (os ensaios de interpretação nacional sérios) e o ensaio como expressão de um desterro e de um desterrado, como a expressão do próprio Borges. Sergio Cueto, borgeamente afirma que “o ensaio não é um gênero: é o experimento (a experiência) do inquietante que não me deixa generalizar. (Algo me inquieta, e, com frequência, este algo sou eu mesmo)”.<sup>14</sup>

Enquanto a tradição ensaística latino-americana opta pela insubordinação aos modelos sistemáticos importados, visando instaurar interpretações coletivas capazes, em parte, de formular leituras abrangentes e adaptadas da Nação e da Identidade dos povos diferidos, periféricos e do *outro*, Borges assume o risco de potencializar os efeitos modernistas e, deixando de lado as saídas coletivas, individualiza a noção do ensaio como uma máquina nietzscheana de pensar sobre si ou de tornar-se o que se é.

Em vinte e três de março de 1989, Borges desferiu, mais uma vez, um golpe fatal: publicou, nestas manobras que somente o acaso explica, no último número e na última página do *Folhetim* o poema “Ao idioma alemão”.

Fecha-se o ciclo novamente: “(...) caminhou, caminhou e não encontrou mais ninguém e ficou sozinho e continuou a reencontrar-se a si mesmo, gozando e saboreando a sua solidão e pensando em coisas (...)”.<sup>15</sup>

## EVIDÊNCIAS

Os deslocamentos do conceito de ensaio são a expressão inversa de um paralelismo observado em relação à idéia francesa de modernidade. Antoine

---

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 18.

<sup>15</sup> Friedrich W. Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mario da Silva. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1986, p. 277.

Compagnon<sup>16</sup> observa que os franceses são levados a repelir, até de maneira xenófoba, qualquer discussão sobre a pós-modernidade que não leve em conta a primazia da França como irradiadora das principais influências da modernidade. Entretanto, trata-se de um comportamento confuso, ou mesmo paradoxal, como prefere Compagnon, pois, em poucas palavras, um dos efeitos mais recorrentes da modernidade se traduz pela primazia do uso da racionalidade, seja através da educação *civilizada* (e da influência cultural exercida em outras geografias), seja através da exportação de modelos econômicos e sociais. A *promesse de bonheur* que a idéia de modernidade carregava em si pressupunha, como base do reflexo colonial ou pós-colonial, a aplicação destes padrões de comportamento e de riqueza nas periferias. O desfecho deste roteiro seria a invenção de uma totalidade na qual a hegemonia do pensamento europeu pudesse sair vitoriosa.

Por diversos motivos isso não aconteceu e a racionalidade não chegou a permear todos os tecidos da conjuntura latino-americana. Diante da eclosão de duas guerras que dominariam a cena mundial na primeira metade deste século, a América Latina receberia apoio restrito para, por um lado, desenvolver sua indústria incipiente e, por outro, absorver imigrantes de diversas nacionalidades. Duas novidades que reforçaram o retorno das atenções para o nacional, ou seja, para o que estava acontecendo dentro do país. A antropofagia assumiria, assim, uma das fortes lembranças da constituição do caráter nacional (*tupy or not tupy*). Somos iguais aos europeus, mas somos diferentes, cometemos atos bárbaros e irracionais e não fomos penalizados com os rigores exigidos pelas normas de uma sociedade civilizada.

Cíndidos, então, europeus e não europeus; brasileiros e não brasileiros, continuamos a quebrar as regras da racionalidade européia. Tornou-se uma tradição entre nós esse regime de desrespeito normativo e a cristalização de um relacionamento ambíguo junto às normas da civilização ocidental. Passamos a aceitar apenas parcialmente os modelos importados, incorporando os relatos verídicos, e também os falsos, sobre a *nova terra*. Desta forma, os intelectuais brasileiros encontravam-se, no início do século, em um primeiro estágio de digestão dos bens culturais alheios ou importados; do mesmo modo, o desdobramento deste primeiro movimento de antropofagia motivaria o movimento seguinte de indigestão.

---

16 Antoine Compagnon. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago, Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996.

O tupy or not tupy (o dilema) desloca-se ao outro do *cap*. Para Derrida, como já foi mencionado, *cap* significa o papel de liderança que a Europa detém: *capital* (cultural) e também do *capitalismo*. Ser o outro do *cap* significa estar fora do dilema (ser ou não ser), para instaurar o trilema (ser, não ser, ser e não ser).

Outro viés da questão é apresentado por Claude Lévi-Strauss:

Ao estudá-los de fora [homens ocidentais e índios], ficaríamos tentados a contrapor dois tipos de sociedades: as que praticam a antropofagia, isto é, que enxergam na absorção de certos indivíduos detentores de forças tremendas o único meio de neutralizá-las, e até de se beneficiarem delas; e as que, como a nossa, adotam o que se poderia chamar de *antropemia*<sup>17</sup> (do grego *emein*, “vomitar”).<sup>18</sup>

Diante da passagem impensável entre o dilema e o trilema oferecia-se aos escritores latino-americanos uma solução capenga e mais complicada, isto é, no Brasil, os dois *sistemas* se encontrariam interligados. Vomitar, portanto, faz parte de um segundo movimento que exige desses escritores um regime híbrido até mesmo em relação às fronteiras dos saberes que deveriam *dominar*.

Ingerir, digerir e vomitar: entre os intelectuais latino-americanos criava-se um misto de críticos literários, filósofos, cientistas sociais e historiadores. Compreende-se, neste sentido, que a opção desses pensadores pelo ensaio (principalmente depois dos diversos movimentos modernistas<sup>19</sup> do começo do século) como forma de expressão e de reflexão sobre a identidade refletia, para além da opção estética, uma escolha política. O dilema começava a se evidenciar porque não se poderiam mais utilizar os modelos excludentes que não previam as falhas históricas, a mistura étnica e a ausência de democracias consolidadas. A distância ante os modelos de desenvolvimento havia se acirrado de maneira tão dramática que não seria mais possível aclimatar o diferente. Os

---

<sup>17</sup> Em *O mal-estar da pós-modernidade*, Zygmunt Bauman também lê esta questão: “Nessa guerra (para tomar emprestados os conceitos de Lévi-Strauss), duas estratégias alternativas, mas também complementares, foram intermitentemente desenvolvidas. Uma era antropofágica: aniquilar os estranhos devorando-os e depois, metabolicamente, transformando-os num tecido indistinguível do que já havia. Era esta a estratégia da assimilação: tornar a diferença semelhante; abafar as distinções culturais ou lingüísticas; proibir todas as tradições e lealdades, exceto as destinadas a alimentar a conformidade com a ordem nova e que tudo abarca; promover e reforçar uma medida, e só uma, para a conformidade. A outra estratégia era antropoêmica: vomitar os estranhos, bani-los dos limites do mundo ordeiro e impedi-los de toda comunicação com os do lado de dentro. Era essa a estratégia da exclusão — confinar os estranhos dentro das paredes visíveis dos guetos, ou atrás das invisíveis, mas não menos tangíveis, proibições da comensalidade, do *conúbio* e do *comércio*, “purificar” — expulsar os estranhos para além das fronteiras do território administrado ou administrável; ou, quando nenhuma das duas medidas fosse factível, destruir fisicamente os estranhos” (Op. cit., p. 29).

<sup>18</sup> Claude Lévi-Strauss. *Tristes trópicos*. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 366.

<sup>19</sup> Modernismo brasileiro e Ultraísmo argentino, por exemplo.

sintomas de uma cordialidade em agonia geraram os primeiros indícios de uma passagem: o período era de digestão, os intelectuais deveriam se dedicar aos problemas nacionais e as questões relacionadas à universalidade deveriam ser colocadas em repouso. Em outras palavras, a inquietação serviria para realçar as diferenças culturais, esquecendo-se, momentaneamente, das semelhanças.

Geograficamente distantes dos olhares controladores do *Pai* europeu, passamos a digerir partes daquela racionalidade e, como em uma missa negra, ritualizamos o proibido e tornamos a antropofagia um costume. Incompletos, porque fomos tornados fração, nos acostumamos com a aclimatação de idéias (particularizando-as sempre) e, assim, nada mais natural do que se utilizar de um sistema de interpretação que não era considerado digno de ser chamado método, nem tampouco sistema. Pouco sério, este método misturava categorias severas e até então rigidamente separadas, resultando em textos híbridos: a ficção com suas múltiplas metáforas e os fatos com valor de documento histórico. Parte de nossa incompreensão, junto aos *outros*, advém deste desvio normativo que nos jogava cada vez mais fora do fluxo do capitalismo, da democracia, do *welfare state*.

Desta maneira, inverte-se a noção de modernidade francesa, porque não se respeita seu valor mais caro, a universalidade, e seria justamente neste contexto pouco ortodoxo e desviante da racionalidade que surgiriam os ensaios de interpretação nacional. 20

Recentemente, o ensaio vem sendo confrontado ao *paper* americano. Como anteriormente foi visto no caso do tratado, a rigidez metodológica do *paper* também não se aclimatou na América Latina, embora ele seja o texto acadêmico preferencial nas universidades norte-americanas. Mais uma vez (neste caso, em nome do pragmatismo), o ensaio é preterido por uma cultura que, sob diversos aspectos, assumiu o lugar e o domínio anteriormente ocupado pela hegemonia européia. A este propósito, Ricardo Forster assinala que

(...) o ensaio é um território no qual o conflito não é eliminado, onde é possível atravessar a espessura do mundo lançando mão da linguagem de um poeta ou da escritura de um filósofo. Frente à rigidez informatizada do *paper*, o ensaio reconhece sua precariedade, suas buscas infrutíferas, suas perplexidades. Em todo o caso, é outra a lógica que define o ensaio; uma lógica da suspeita frente aos saberes constituídos; uma lógica da experimentação que deixa que as idéias emerjam para a vida sem um acabamento absoluto; uma lógica que reconhece a espessura das palavras,

---

20 Será preciso, mais tarde, retomar os problemas do projeto educacional e das formações discursivas.

que se preocupa por encontrar os pontos de interseção de sensibilidades diferentes e que supõe que haja incompatibilidades entre a linguagem da arte, da ciência e da vida. Busca-se, então, uma escritura que resista à barbárie que não só se expande desde os meios de comunicação de massas, como também encontra espaços crescentes entre os “formadores de opinião”. 21

Ainda em relação à comparação entre *paper*<sup>22</sup> e o ensaio, Oscar Landi apresenta um desdobramento curioso que o ensaio assumiria durante a década de oitenta. A hipótese de Landi, a respeito da direção deste debate em uma década que incorporaria definitivamente os avanços tecnológicos (barateando a produção dos jornais e revistas), revela a implicação do ensaio no incremento e ampliação da circulação dos jornais. Para Landi, “(...) o *paper* tem seus circuitos de leitura mais especializados e o ensaio [teria] a indústria editorial que transforma-o em consumo de um outro mercado mais massivo”.

23

No caso específico do *Folhetim* da *Folha de S. Paulo*, Oscar Landi parece acertar na previsão, pois, se a partir de 1986 o *Folhetim* passou a divulgar seus ensaios com o sisudo preto e branco (refletindo a aguda crise econômica vivida naquele momento), o colorido esteve presente desde o início, em 1977, melhorando, gradativamente, a definição e a qualidade gráfica até meados de 1985. Portanto, no que tange ao público, o hibridismo da forma ensaio aproxima o leitor dileitante do público especializado, confundindo, ainda mais, as fronteiras específicas dos Departamentos e das disciplinas acadêmicas com o espaço mais amplo da “cultura”.

---

21 Ricardo Forster. “El encogimiento de las palabras” In: *Babel: revista de libros*, año III, n. 18, ago. 1990, p. 28.

22 Para Oscar Landi, em “Cuestiones de genero” (In: *Babel: revista de libros*, a. III, n. 18, agosto de 1990, p.28-29.), o paper necessita de métodos rigorosos, sobretudo o empírico, para definir-se a partir de critérios pragmáticos de autoridade e fundar-se sobre uma escritura fortemente referencial que evita a utilização de metáforas interpretativas.

23 Idem. *Ibidem*, p. 29, minha tradução.